

RESENHA**SÉRIOT, Patrick. *Volosinov e a filosofia da linguagem*.
Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 128 p.**William Moreno Boenavides¹

Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Sapucaia do Sul, Sapucaia do Sul, RS, Brasil.

¹ Professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFsul), Campus Sapucaia do Sul. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

 <http://orcid.org/0000-0002-0507-2105>

E-mail: boenavides@gmail.com

Tendo aparecido em 2010 como prefácio de uma nova tradução ao francês de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1929 (a partir daqui MFL), o trabalho aqui resenhado foi traduzido para o português por Marcos Bagno de forma autônoma e publicado em 2015. O texto de Patrick Sériot inscreve-se no âmbito dos trabalhos que se propõem a esclarecer dúvidas quanto à autoria de obras de autores soviéticos do início do séc. XX a partir das polêmicas e dúvidas acerca de estudos por muitos anos atribuídos a Bakhtin. Tais polêmicas são conhecidas como “a questão dos textos disputados” e envolvem, além de MFL, enfocado aqui, obras como *Problemas da poética de Dostoiévski* e *O método formal nos estudos literários*. Mas a introdução francesa agora traduzida tenta ir além disso. Oscilando entre a demonstração de documentação consistente e a generalização excessiva, o trabalho não parece atingir os objetivos que, ao final, declara ter. Chama atenção o veio crítico de Sériot que parece querer encontrar, a todo custo, elementos para minimizar a importância da obra a qual, contraditoriamente, é um dos tradutores para o francês, junto com Inna Tylkowsky-Ageeva.

Volosinov e a filosofia da linguagem é dividido em 4 capítulos, além do prefácio e da conclusão. Já no prefácio, Patrick Sériot se põe a criticar as recepções “ocidentais” das obras atribuídas a Bakhtin que, por não lhe restituírem fidedignamente o contexto de surgimento, foram colocadas como precursoras da análise do discurso. Para o autor, tal problema na recepção gerou problemas de tradução que deram ensejo a “mal-entendidos”, tal como a tradução de “diálogo” por “discurso”. Situação ainda mais complicada, haja vista que, para o tradutor e eslavista francês, a recepção da “cultura intelectual soviética, tanto na França, como no Brasil, se desenrolou frequentemente através de um filtro “de esquerda”” (SÉRIOT, 2015, p. 11). Para ele, cada contexto de recepção gerou o “seu” Bakhtin, sendo que, no caso francês, isso levou à criação de uma espécie de “doxa”, tendo sido “posto em falso diálogo com um mundo que em nada era o seu”. Daí o estudioso russo ter sido considerado um “pensador liberal antitotalitário” pelos norte-americanos e um “continuador dos

formalistas” por Julia Kristeva, ao passo que a edição espanhola o apresenta como um antiformalista declarado (idem, p. 12). Um pertinente problema de recepção e de entendimento da obra de Bakhtin e de outros autores soviéticos do período é mapeado pelo autor que, infelizmente, a despeito da possibilidade de lê-la em muitas das línguas em que foram traduzidas, não consegue resolver. Muito disso se deve ao fato de, ao registrar os conceitos que vai enfatizar (como discurso, sujeito e ideologia), Sériot avaliá-los por dois critérios: pela sua existência explícita nas obras de Bakhtin, ou seja, só considerá-los no caso dos termos aparecerem diretamente na obra do autor russo; ou então se os conceitos foram usados em sentido que, para o tradutor, seja aproximado do uso dado por áreas de estudo da linguística que se desenvolveram posteriormente. Em casos diferentes desses, Sériot desconsidera a contribuição bakhtiniana para o entendimento dos referidos conceitos.

No capítulo primeiro é que o autor enfrenta aquilo que parece ser um dos seus maiores objetivos: demonstrar que é Voloshinov e não Bakhtin o autor de MFL. Aqui a documentação, embora abundante, não possibilita uma definição plenamente satisfatória, mas permite afirmar que a autoria de Voloshinov é mais provável do que a de Bakhtin¹. As provas mais fortes que o tradutor apresenta são as apreciações de professores de Voloshinov que referem como sua obra essencial o MFL. O problema da argumentação nessa parte do trabalho não aparece tanto para defender a autoria de Voloshinov, mas na forma como Sériot refuta as provas contrárias. Ao citar, por exemplo, as memórias de Olga Frejdenberg, que mesmo grafando incorretamente o nome de Bakhtin, afirma que Voloshinov é autor de um

livro de linguística que foi escrito para ele por Bloxin (*sic*), Sériot (2015, p. 51) refere posições contrárias acerca dessa passagem, destacando que não se trata de uma prova. Da mesma forma, quando refere-se à declaração da primeira mulher de Voloshinov, que escreveu ao tradutor sérvio de MFL que tanto *O Freudismo* quanto o *Marxismo* são “efetivamente” de Bakhtin, busca uma forma de desconsiderar tal declaração, mesmo sem ter como refutá-la. Diz que o problema de tal declaração é que a esposa não explica para o tradutor sérvio por que o marido teria se “prestado a semelhante manipulação” (idem, p. 56). O rigor com que questiona as demonstrações e argumentos contrários ao que pretende defender não é o mesmo com que analisa o que lhe é favorável. Quando lhe é pertinente, cria hipóteses (como a lhe sugerida “por um amigo biólogo” sobre o motivo que poderia ter levado Kanaev a mentir para atribuir o artigo “O vitalismo contemporâneo”, da área da biologia, a Bakhtin); no entanto, quando alguma hipótese serviria para defender ou ao menos matizar o ponto de vista contrário, não as trata com a mesma perspectiva, nesses casos só “aceita” provas. Tal posição é estranha, já que os argumentos e os documentos favoráveis ao que procura defender parecem de fato mais convincentes. Mesmo assim, Sériot faz questão de tratar o tema como uma disputa desigual. Chega a dizer, antes de seguir mostrando argumentos de lado a lado (valorizando-os e analisando-os com intensidade crítica diferentes, como se disse) que “no domínio jurídico, não cabe à defesa, mas à acusação apresentar as provas” (idem, p. 50). A intenção do autor vai além da tentativa de justificar sua posição quanto à autoria dos textos e de dar informações mais precisas sobre a trajetória de Voloshinov. Tenciona defender a ideia de que Bakhtin contribuiu propositalmente para o obscurantismo e para as falsificações de sua biografia. Refere *curriculum vitae* diferentes para diferentes estabelecimentos em que ensina (embora neles as informações que variam não são da ordem de autoria, mas da formação acadêmica). O que é uma argumentação frágil, já que diferentes

¹ Note-se que o trabalho *Bakhtin desmascarado*: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo, de Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota, que traz argumentação semelhante, embora destinada a tentar demonstrar a não-autoria de Bakhtin a um conjunto maior de obras, foi lançado em português em 2012, mas havia sido publicado em francês em 2011, depois, portanto, do texto de Sériot.

funções valorizam diferentes aspectos da carreira de qualquer candidato. Os diversos autores e estudiosos aos quais vai se referindo ganham, ora um, ora outro, destaque pela sua produção, pode ser M. Kagan ou L. Pumpjanskij, só Bakhtin que aparece como indigno de qualquer destaque.

A maior fragilidade do livro encontra-se no segundo capítulo, em que o autor trata do que chama de “A grande síntese e a questão do marxismo”. Aqui ele afirma que MFL caiu “como uma luva na França em 1977”, pois “para os intelectuais marxistas” era como uma “boia salva-vidas” (idem, p. 70). Daí ter sido recebido como um livro de fato marxista, embora em lugares como EUA, as passagens “marxistas” terem sido tratadas como “meras interpolações” (idem, p. 71). Aqui os comentários de Sériot decaem consideravelmente, e o motivo parece ser bem claro: o autor não demonstra conhecimento algum sobre marxismo (não há sequer um texto de Marx ou de Engels na bibliografia do estudo de Sériot). Ele apresenta referências genéricas à obra *Ideologia alemã* para dar uma interpretação reducionista da expressão “falsa consciência”. Em alguns momentos, ao questionar o MFL, diz que ele “nunca explicita suas teses principais: por que a filosofia da linguagem é importante para o marxismo? Que tem a ver o marxismo com as formas do discurso relatado na língua da literatura?” (idem, p. 72). Partes como essa fazem parecer que Sériot não percebe a reorientação nos estudos da linguagem que o MFL empreendeu no aspecto da interação humana (na estrutura, para usar a conceituação materialista) e a relação disso, apontada no livro, com as formações infraestruturais. Ainda nesse capítulo, Sériot vai dizer que o livro não é marxista porque não traz uma metateoria para a “prática política”. Mais um argumento discutível, haja vista que a prática política não foi uma área explorada amplamente nem mesmo por Marx. Tal tema apareceu de forma pontual em alguns trabalhos do autor alemão, como no *Manifesto do Partido Comunista* (escrito junto com Engels) e no *Crítica ao Programa de Gotha*, mas está longe de ser central nas obras de maior

fôlego do autor, como *O Capital*, *A Ideologia Alemã*, *Manuscrito-econômicos filosóficos*, *Contribuição à crítica à economia política* e tantos outros. Ao retomar a distinção de A. Dimitriev, entre o “marxismo acadêmico” ou “não ortodoxo” e o “marxismo oficial”, Sériot diz que no sentido, “e somente nesse sentido” de um “método particular de análise dos fatos sociais e não como uma ideologia sociopolítica” (idem, p. 72, grifo do autor) o livro é marxista. Ou seja, pela visão reducionista do estudioso francês, um livro sobre a linguagem, para ser considerado marxista de fato, tem que ser um trato de ação política. Essa é uma visão bastante tacanha, sobretudo para quem havia acusado de “utópica” a ideia “difundida nos anos que se seguiram à Revolução [Russa de 1917], de que era necessário e possível introduzir diretamente a Arte na Vida” (idem, p. 35). Em um momento, Sériot cobra mediação para depois não praticar a mediação. É nesse nível que ele vai “acusar” o livro de não ser marxista por não propor “um programa para alfabetizar as massas iletradas” (idem, p. 73). Quando que o próprio Marx fez isso? Além disso, Voloshinov também é acusado por não usar as palavras “política” e “revolução” em abundância nos seus escritos. Chama atenção tamanha estreiteza, sobretudo nos dias de hoje em que tantos estudos e análises sobre o marxismo já foram realizados e têm enorme penetração acadêmica (István Mészáros, Slavoj Žižek e David Harvey, por exemplo, para citar somente os europeus, além das inúmeras e bem anotadas traduções da obra de Marx). Curioso que nessa parte do livro, trechos que foram antes citados por ele como prova máxima da autoria do livro por Voloshinov (apreciações de professores deste) não são retomadas, nem sequer para que passagens como estas, sejam refutadas: segundo V. Desnickij, orientador de Voloshinov, o orientando segue “uma linha metodológica marxista” (idem, p. 53) e disse ainda, (como consta em uma ata de reunião da subseção de metodologia da literatura que “o espírito de nossas pesquisas marxistas sopra sobre todas as partes desse trabalho” (idem, p. 54). Sériot dá uma

definição do que chama de “marxismo de Voloshinov”, que é uma

sociologia interacionista das relações verbais interindividuais em situação de vivência comum, desembocando no entimema [tipo de raciocínio em que uma premissa não é enunciada, mas subentendida], ele mesmo simultaneamente condição e resultado da troca numa vivência comum. Todo seu edifício repousa assim em dois pilares: o entimema como base da sociologia e o “vínculo indissolúvel entre forma e conteúdo” como base da semiótica (idem, p.91).

Considerando essa definição, que é simplista, pois ignora o quão necessariamente dialético e materialista uma metodologia precisa ser para poder ser caracterizado assim, pode-se perguntar se só nisso não há elementos produtivos para serem comentados. Mas o autor não faz assim e dá o assunto por encerrado.

Essa será a maneira do como Sériot irá se posicionar na sua tentativa de não só trazer novos elementos sobre a autoria de MFL, mas também de detratar M. Bakhtin (cujo mérito dos trabalhos comprovadamente seus não são destacados, além de ser acusado de criar propositalmente confusão em torno de sua biografia com finalidades interesseiras) e, além disso, detratar o próprio MFL acusado todo tempo por não ser marxista, nem um trabalho de sociolinguística, tampouco de análise do discurso ou da teoria da enunciação.

Ele vai dizer explicitamente: “MFL não é uma antecipação da pragmática, da sociolinguística ou da teoria da enunciação” (idem, p.25). Ou seja, é culpado por não ter fundado diretamente correntes da linguística que iriam surgir futuramente. Assim, no capítulo três, Sériot vai afirmar que Voloshinov é um mero continuador de Vossler (a despeito da refutação a Vossler empreendida no capítulo 4 de MFL). Para Sériot, o que o aparece no MFL é apenas uma transposição daquilo que Vossler chamava de “espírito” para “circunstâncias sociais” (idem, p.96-7). Na continuação do livro, o

capítulo quatro busca mostrar que MFL é muito mordaz nas críticas que faz a Saussure e aos “objetivistas abstratos” em geral. Faz isso através do argumento falacioso de que Voloshinov não evoca o fato de que “a única maneira de estudar um fenômeno irrepetível é, sim, repeti-lo” (idem, p.114). Tal é a forma de Sériot comentar o uso de exemplos trazidos no livro (páginas atrás ele havia reclamado da falta de exemplos de algumas passagens).

A conclusão traz o título que, diante de tantas detratações, só pode ser hipócrita: “Nem esse excesso de honra nem essa indignidade”. Aí ele enumera objetivos que espera ter atingido. Entre eles encontram-se: ter dado algumas referências para melhor compreender a “cultura científica russa, que merece coisa melhor do que mitos e mistérios” (idem, p.119). O que aconteceu de fato foi que ele reproduziu diversos outros mitos e mistérios, como a ideia de que só é marxista o que é imediatamente social. No final das contas, Sériot reproduz algo extremamente anacrônico e por diversas vezes rebatido e comprovado: confunde stalinismo com marxismo. Como MFL não é uma obra stalinista, para ele ela quase não tem vínculo com o marxismo. Na sequência ele diz que o “contexto imediato” do pensamento de Voloshinov “tem que” ser recuperado a partir de “uma reinterpretação da oposição mecanicismo vs. organicismo do pensamento romântico alemão, convocada para superar a crise do positivismo” (ibidem). Ou seja, as transformações da Rússia revolucionária ao longo da década de 20 que, mesmo com a ascensão da burocratização, com a morte de Lenin e a expulsão de Trotsky, conseguiu resistir e preservar parte das mudanças profundas geradas a partir de 1917 não são importantes para considerar esse “contexto imediato”? Aquela “espantosa vida intelectual e artística” que o próprio Sériot destaca na cidade de Vitebski em que Pavel Medvedev era prefeito, e na qual havia um “Conservatório, um Instituto pedagógico, um Instituto Superior de Educação Popular, a Universidade Proletária, diversas

escolas de ciclo didático completo” (idem, p.34) não é importante para isso? Também por isso pode-se dizer que Sériot fracassa na “recontextualização sistemática” (idem, p.23) a que se propõe no início da obra. Para ele, o MFL reconstrói uma “sociabilidade concebida como como um palco de teatro onde se trocam réplicas entre indivíduos” (idem, p.119). Sériot tenta dar ares de artificialidade onde o livro busca concretude. Ao afirmar que o que é apresentado em MFL não é “aplicável” ele acha isso um defeito. Não reconhece a complexidade do trabalho.

Sériot vai definir, sempre começando pela negativa, MFL como um trabalho que

não é nem um tratado de linguística nem compêndio de filosofia marxista, mas uma espécie de psicossociosemiótica do comportamento verbal na interação interindividual, num sistema de pensamento em que a literatura e a “Vida” remetem permanentemente uma à outra (idem, p.84).

O binarismo que está encetado na análise do autor, que além de tudo não fica satisfeito se não consegue enquadrar o MFL em alguma área específica da linguística, é próprio de quem não apreende o método dialético. Bem no final do livro, Sériot afirma que muito resta a ser feito na exploração do vínculo intelectual de Voloshinov com seu tempo e lugar, “em particular com Vygotski” (idem, p.120). Nós leitores nos perguntamos porque não foi isso que ele fez em vez de disparar sua metralhadora de argumentos, muitas vezes falaciosos, contra o MFL. É curioso que o autor comece o primeiro capítulo do livro com a pergunta: “Por que retraduzir MFL?” (idem, p. 21). Se fôssemos aceitar a redução da importância de MFL apresentada por Sériot, essa seria uma pergunta que ficaria sem resposta.

Recebido em 15/07/2018
Aceito em 16/10/2018